



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

PECULIARIDADES DA BRINCADEIRA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM CRECHES PÚBLICAS DE VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA

Carmem Virgínia Moraes da Silva
(UESB)

Rosângela Francischini**
(UESB)

RESUMO

Esse trabalho objetiva apontar as peculiaridades da brincadeira no espaço da creche. Trata-se de uma pesquisa exploratória, realizada em 04 creches públicas da cidade de Vitória da Conquista, Bahia, com 09 educadoras que trabalham com crianças de 03 e 04 anos e as crianças de suas respectivas salas. Os procedimentos empregados foram a observação participante e a entrevista semi-estruturada com as educadoras, com foco na atividade da brincadeira. Os resultados apontam que a brincadeira tem hora e lugar para acontecer: o recreio. A brincadeira é marcada como inadequada em momentos de atividades pedagógicas e ocupa os espaços ociosos na rotina das crianças. As educadoras não participam das brincadeiras. A formação continuada apresenta-se como alternativa de reflexões e mudanças na atuação dos profissionais da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeira. Creche. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um recorte de um trabalho mais amplo que buscou compreender o lugar que a brincadeira ocupa na Educação Infantil da rede pública de Vitória da Conquista. Ao longo da trajetória que nos possibilitou alcançar tal

· Doutoranda em Educação e Contemporaneidade pela UNEB; professora assistente da UESB; coordenadora do grupo de pesquisa Infância e Educação Infantil – UESB/CNPq; membro do grupo de pesquisa Desenvolvimento Social – UNEB/CNPq. E-mail: carmem.virginia@gmail.com.

** Doutora em Linguística pela UNICAMP; professora associada IV da UFRN; coordenadora do Núcleo de Estudos Sócio-Culturais da Infância e Adolescência – UFRN/CNPq. E-mail: rfranci@uol.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

objetivo, percebemos que a brincadeira tem marcas peculiares na realidade dessas creches públicas e propomos aqui apontar estas peculiaridades.

A presença de discussões sobre a Educação Infantil em leis e documentos como a Constituição Federal (BRASIL, 1988), Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 2005), Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006), entre outros, não deixa dúvida de que há uma preocupação crescente com essa fase da vida ou, pelo menos, de que existem leis que regulamentam a atenção e educação da mesma. Diante deste cenário legal, faz-se necessária uma aproximação constante com a realidade da Educação Infantil para que possamos refletir acerca do que tem sido feito nestes espaços, assim como refletir sobre as mudanças necessárias.

Especificamente sobre a brincadeira, existem diversas áreas do conhecimento que se ocupam deste tema, mesmo indiretamente, como a Filosofia, a Antropologia e a Sociologia quando tratam do ser humano, da cultura e dos fenômenos sociais, ou a Pedagogia quando organiza o sistema educativo. Na medida em que esta pesquisa é na área da Psicologia, nossas reflexões se inserem no interior dessa ciência, mas dialogaremos com as demais áreas quando for necessário.

Temos clareza de que a escolha de uma abordagem atende uma concepção acerca do indivíduo, do seu desenvolvimento e dos processos que envolvem o mesmo. Neste sentido, a abordagem sócio-histórica compreendida a partir de Lev Semyonovich Vygotsky e as reflexões deste autor sobre a teoria social da construção do conhecimento permeiam este escrito, assim como o diálogo entre esta abordagem e outros autores.

A perspectiva sócio-histórica parte da concepção do homem como um ser inserido num contexto social e cultural e entende as atividades como impregnadas de cultura e fruto das interações sociais do sujeito com o outro e com o ambiente. A



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

brincadeira é, então, vista como um processo aprendido e não natural do ser humano. Compartilhar desta concepção fortalece o nosso objetivo de investigar o lugar da brincadeira na Educação Infantil, pois entendemos que essa atividade depende da cultura e das interações nas quais as crianças estão inseridas, ou seja, a Educação Infantil como um espaço de convívio diário é fundamental para a aprendizagem da criança no que diz respeito à brincadeira.

Com a finalidade de apontar as peculiaridades da brincadeira na creche, trabalhamos com um pequeno grupo de instituições que, de acordo com Demo (2000, p. 155), “jamais será representativo da sociedade inteira, mas pode ser *exemplar*”, pois nossa preocupação foi com o aprofundamento e abrangência de um tema específico. A partir disto, as instituições envolvidas nesta pesquisa foram 04 do número total de 18 creches. Com relação aos critérios para escolha dessas instituições, trabalhamos com uma instituição por região da cidade; e como critério de escolha nas regiões, as instituições que tiveram o maior número de crianças matriculadas no ano letivo.

Os procedimentos metodológicos empregados foram a observação nas 04 instituições e entrevista semi-estruturada com as educadoras responsáveis pelas turmas de 03 e 04 anos. O período de observação aconteceu durante dois meses, respeitando o horário de funcionamento e dinâmica de cada instituição, considerando o turno de trabalho de cada educadora e mais um mês foi empregado para a realização das entrevistas. Denominamos as creches por Amarela, Azul, Verde e Vermelha.

Mesmo tendo como foco a atividade da brincadeira, tivemos sempre o cuidado de registrar os diversos momentos que compuseram as observações. Como não fizemos o mesmo número de observações em cada instituição, decidimos empregar um número equivalente de observações para cada turma com a finalidade de analisar o tema da brincadeira. Trabalhamos com 03 observações por turma, na totalidade da sua extensão, ou seja, 12 períodos (turno completo) de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

observação. Fizemos essa escolha considerando períodos integrais que ficamos no espaço, do início ao fim das atividades por turno, em dias alternados.

O primeiro passo foi identificar, ao longo do texto referente às observações selecionadas, o tema central da nossa pesquisa, ou seja, todas as vezes que surgiram situações envolvendo qualquer tipo de brincadeira e organizar esse material, recortando-o do conjunto geral de atividades que ocorreram nas instituições. Essa organização proporcionou uma compreensão geral da atividade da brincadeira na Educação Infantil.

Podemos afirmar que a brincadeira ocupa um lugar no cotidiano da Educação Infantil, pois em todos os dias observados ocorreram situações de brincadeira, sendo que existe uma frequência maior desta atividade nas turmas de 03 anos.

A brincadeira faz parte de um contexto amplo ao qual recorreremos para clarear a compreensão daqueles que não estiveram em campo. Iniciamos por pontuar que, independente de existir um planejamento diário das atividades que são realizadas na Educação Infantil, conforme o discurso da educadora da turma de 04 anos da Creche Amarela sobre o planejamento, durante a entrevista: “Olha, eu não sou daquele tipo que coloco tudo na ponta do papel, não. Às vezes eu anoto ali só o conteúdo que eu quero trabalhar, só pra eu me organizar, mas eu não coloco assim o passo a passo não”, existe uma rotina clara no dia-a-dia dessas instituições. Uma rotina que faz com que o cotidiano seja composto por atividades bastante semelhantes ao longo dos dias.

Quando solicitamos que as educadoras descrevessem a rotina, a maioria fez de forma imprecisa, como a educadora da turma de 04 anos da Creche Azul:

No caso, o caderno da gente tem assim: primeiro momento, atividade de rotina; segundo momento que a gente vai desenvolver as tarefas deles, terceiro momento o lanche (...) quarto momento, recreio... não, o terceiro momento é lanche e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

recreio e no quarto momento começa a atividade novamente ou o término da tarefa e depois prepara pra ir embora.

Diferente das demais, a educadora da turma de 04 anos da Creche Verde fez um relato pormenorizado da rotina:

Então, eles chegam e trocam de roupa. De oito e quinze até as nove é o momento da rodinha que também não dá pra ser muito comprido porque eles perdem a atenção, o tempo de atenção deles é curto. Aí vem o lanche, que vai de nove até nove e quinze e aí a creche tem um negócio, todo mundo tem que sair da sala depois do lanche pra poder limpar, tem isso também, mais tempo que é perdido. Nesse momento eu inventei de contar sempre história lá no pátio ou fazer alguma atividade de psicomotricidade pra ver se ocupa, porque outras turmas ficam sentadas esperando 'vamos sentar pra esperar a tia limpar a sala', aí dez, quinze minutos são perdidos. Depois que eles voltam do banheiro a gente tem que esperar os de 03 anos voltar pra poder ir a minha turma porque os de 03 anos vão primeiro, nesse tempo aí nem sempre dá pra começar contar a história porque se eu começar contar a história a história vai ser interrompida porque quem chegou com os de 03 anos não quer esperar eu acabar de contar história pra poder levar os meus não, tipo assim 'meu trabalho tem que ser feito logo, problema seu se você tá aí esperando', aí leva e volta, aí eu canto com eles, brinco, faço brincadeira que possa ser interrompida rapidinho pra poder levar e voltar. Aí, de umas nove e meia até dez e meia é o horário da atividade dirigida, é o que a gente fica na sala mesmo, dez e meia é o horário do parque, de dez e meia as onze, as vezes eu burlo isso aí, eu aumento meu horário de atividade e vou até umas dez e quarenta e cinco, aí é de dez e meia a onze o parque ou pátio, aí fica de onze a onze e meia é o horário que a gente volta pra sala, aí onze e quinze é o horário que o almoço já tá chegando, então, esses quinze minutos aí ficam meio que perdidos, eu acabo esticando aquele horário, aumento de dez até dez e quarenta e cinco, mais ou menos, vou mais tarde pro parque ou pro pátio e volto já praticamente na hora do almoço, pra lavar a mão e voltar pro almoço.

O discurso desta educadora de uma turma de 04 anos chama a atenção para a presença do tempo e da espera na rotina das instituições observadas. As situações analisadas nesta pesquisa, ainda que digam respeito à brincadeira, fazem



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

parte de um cotidiano que parece engessado por atividades que envolvem o cuidado, havendo sempre uma espantosa marca do tempo: hora de chegar, hora de trocar a roupa, hora do café, hora de ir ao banheiro, hora de lavar as mãos, hora de orar, hora de almoçar, hora de dormir, hora de ir embora. A marca do tempo também aparece na hora de esperar: as crianças estão sempre esperando todas essas horas.

Percebemos que a maioria das educadoras faz referência à necessidade de ausência da brincadeira durante a realização das atividades pedagógicas e de rotina, e empregam expressões recorrentes que indicam sempre que não está na hora de brincar; ilustramos tais posicionamentos nos segmentos de discurso que seguem, que ocorreram durante as observações:

1

Educadora: Olha! **Não tá na hora de brincar. Ta na hora de esperar** a merenda que já vai chegar.

(Creche Verde, turma de 03 anos)

2

Educadora: **Não tá na hora de brincar**; eu não mandei. Agora é a tarefa.

(Creche Vermelha, turma de 04 anos)

3

Educadora: Tá na hora de brincar? Não! Eu não estou brincando! **Não é hora de brincar!**

(Creche Azul, turma de 04 anos)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Observamos outra marca que é a promessa da brincadeira como recompensa por bom comportamento, conforme discurso a seguir:

4

Educadora: Todo mundo sentadinho; depois que eu pentear o cabelo, **vou dar massinha, mas só pra quem estiver quieto.**

(Creche Vermelha, turma de 03 anos)

Assim como constatamos que há a promessa acerca da supressão da brincadeira em decorrência de mau comportamento das crianças; uma promessa que nem sempre se cumpre, por exemplo:

5

Educadora: Já sabe, o nosso combinado é que **se bater no coleguinha não pode brincar.**

(Creche Verde, turma de 03 anos)

A marca do tempo está presente na rotina da creche e parece, muitas vezes, que a brincadeira é uma atividade para preencher o tempo livre até chegar a hora de outra atividade. Por exemplo, as brincadeiras iniciadas pelas crianças enquanto esperam a merenda são associadas à desorganização e são interrompidas pelas educadoras. Os discursos apontam que a brincadeira deve acontecer em hora apropriada, além de ser indicada como possibilidade de recompensa por bom comportamento ou sua supressão como punição por mau comportamento.

Recorremos aqui ao conceito de brincadeira contido no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998), a saber: a brincadeira como uma linguagem simbólica e infantil que ocorre no plano da imaginação e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

depende da realidade para fornecer-lhe conteúdo necessário para a sua realização. Neste momento nos interessa exatamente o papel que este documento atribui à educadora como responsável, no espaço da Educação Infantil, por possibilitar e ajudar a criança na estruturação dessa atividade, como vamos analisar nas situações a seguir.

As observações apontaram que a brincadeira tem uma relação próxima com um momento da rotina presente em todas as creches, a hora do recreio. As educadoras, apesar de não fazerem parte da atividade, possibilitam o espaço do pátio com o material que existe neste local, para que as crianças brinquem livremente.

A partir do conceito de cultura lúdica como um “conjunto de regras e significações próprias do jogo que o jogador adquire e domina no contexto de seu jogo” (BROUGÈRE, 2002, p. 23), podemos dizer que o recreio carrega a significação própria da brincadeira na creche e as crianças observadas já adquiriram esse significado, pois basta ouvir “tá na hora do recreio” para todos saírem correndo e logo começarem uma brincadeira. O recreio no pátio se constitui como o espaço legitimado da brincadeira. Esta interpretação feita a partir das observações pode ser fortalecida através do discurso de todas as educadoras nas entrevistas, diante da pergunta acerca dos espaços físicos nos quais ocorrem as brincadeiras nas instituições; como exemplo, podemos citar:

6

Educadora: No pátio e lá na areia.

(Educadora da turma de 04 anos, Creche Azul)

7

Educadora: Se não for na sala é aqui no pátio, não tem outro lugar.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

(Educadora da turma de 03 anos, Creche Vermelha)

8

Educadora: Na sala, no parque, no pátio, na sala de alguma colega pra assistir algum filme.

(Educadora da turma de 03 anos, Creche Verde)

O discurso da educadora da turma de 04 anos da Creche Azul indica que a sala não é um espaço para brincadeira e o discurso da educadora da turma de 03 anos da Creche Vermelha nos diz de uma insatisfação com relação à escassez de espaços para brincar.

As crianças, no momento do recreio, interagem entre si em pequenos grupos, compartilhando os objetos que dão suporte às brincadeiras, conversam e riem. Em consonância com essas observações, as educadoras responderam nas entrevistas que as crianças preferem brincar em grupo a sozinhas. Reforçamos esse achado com a idéia de Vygotsky (1966/1984) que entende a brincadeira como fruto das relações sociais.

Conforme ilustração na figura 1 e 2, as crianças empregam os elementos do meio em que estão na realização das brincadeiras: na Creche Azul as meninas faziam montinhos com a areia, colocavam pequenos gravetos sobre os montinhos para cantar parabéns e os meninos corriam e tentavam subir nas manilhas, enquanto outros passavam por dentro das mesmas.



Figura 1 e 2. Brincadeira no pátio de areia, turma de 03 anos, Creche Azul

Os objetos que dão suporte às brincadeiras não têm uma função lúdica *a priori*, mas ganham este significado à partir das ações das crianças. Essas situações podem ser empregadas para demonstrar a idéia de que “no brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias e não das coisas” (VYGOTSKY, 1966/1984, p. 111). pois a utilização do montinho de areia como se fosse um bolo de aniversário e das manilhas como túneis e escorregadores surgem a partir da idéia que a criança tem dos objetos bolo, túnel e escorregador. Esta mudança na forma de lidar com a realidade, empregando o elemento da imaginação, é um processo longo e não ocorre de uma hora para outra no desenvolvimento infantil. Os objetos que dão suporte à brincadeira são aqueles que Brougère (2004) classifica como brinquedos porque representam a realidade e dão sentido às ações das crianças.

Observamos que as brincadeiras criadas pelas crianças não contam com a participação das educadoras, que parecem desconsiderar esse momento. As educadoras apenas possibilitam, mas não participam da brincadeira. O RCNEI (BRASIL, 1998) aponta a observação que o professor faz da criança brincando como elemento importante que o auxilia na construção de atividades dessa natureza, mas, dentre as educadoras observadas, a maioria aproveita o momento da brincadeira para se ausentar e conversar com colegas de trabalho, mantendo distância desse momento.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Aqui as crianças interagindo socialmente, de acordo com Vygotsky (1966/1984), criam situações imaginárias e ilusórias para realizar desejos que fazem parte do cotidiano. De forma geral, as crianças interagem entre si e empregam os objetos disponíveis na realização das atividades de brincadeira; em algumas situações as educadoras se ausentam e em outras situações elas estão presentes, mas não participam das brincadeiras.

CONCLUSÕES

De forma geral podemos dizer que a brincadeira está presente em todas as turmas observadas, conta com a interação entre as crianças, algumas vezes com a presença da educadora e com objetos que dão suporte a estas atividades. Existe um discurso sobre a brincadeira, a atividade comparece no cotidiano das creches, mas a participação da educadora não se concretiza.

De modo recorrente a brincadeira parece surgir para preenchimento de espaços entre atividades outras, sem planejamento prévio, atendendo ao espontaneísmo, quando é proposta pela educadora, mas não é bem vista nestes espaços de espera quando surgem livremente das interações entre as crianças.

O recreio é o espaço e o tempo permitido para a brincadeira livre, sendo que as educadoras se ausentam ou estão presentes sem participarem dessas atividades. A observação da brincadeira por parte das educadoras seria uma importante fonte de informação sobre as escolhas, preferências, limites e possibilidades das crianças.

As observações sobre as peculiaridades da brincadeira nas creches municipais de Vitória da Conquista demonstram que este fenômeno está presente, mas as limitações são evidentes. Intervenções são necessárias junto às educadoras e a formação continuada apresenta-se como alternativa de reflexões e mudanças na atuação dessas profissionais.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1998.

_____. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8069/90, de 13 de julho de 1990. Rio Grande do Norte, FUNDAC/RN. Edição publicada em 2004.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Legislação Educacional. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional da educação infantil – Documento introdutório*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. *Política nacional de educação infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação*. MEC, 2005.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil*. MEC, 2006.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In T. M. Kishimoto. (Org.), *O brincar e suas teorias*, (pp. 19-32). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 2004.

DEMO, P. Pesquisa Qualitativa. In *Metodologia do conhecimento científico*, (pp. 145-159). São Paulo: Atlas, 2000.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1966/1984.